

para não arcar com possíveis processos, e que se camufla de social.

Segundo: encampou a idéia de que a agropecuária brasileira usa a terra como reserva de valor. No mundo globalizado, onde o agronegócio brasileiro é protagonista, quem for perdulário não está tendo uma atitude egoísta, mas, sim de irracionalidade. Como muito bem disse o ex-ministro Roberto Rodrigues, o mercado desapropria quem é improdutivo. Não é preciso uma lei para isso.

Terceiro: pareceu um jogo de cena, com vistas às eleições presidenciais do próximo ano. Afinal de contas, um bom afago é sempre bem-vindo.

A questão é que o índice tinha razão de ser nas décadas passadas, quando o Brasil tinha moeda fraca e vivia o pesadelo da inflação. Naquele momento, usava-se a terra como poupança, como patrimônio, muitas vezes sem utilizá-la. Hoje, vivemos outros tempos.

A existência de índices para agropecuária é uma insensatez. Comércio, indústria e serviços não têm indicadores a cumprir. Nesses casos, o livre mercado trata de regular a produtividade. No entanto, no Brasil ainda se tem a ideia romântica de que um pedaço de terra resolve o problema. A terra nada mais é do que um dos componentes da produção. Sozinha, não serve para nada.

Se o governo insistir com o modelo ideológico, passa a mensagem de que o produtor sempre terá que produzir só para atingir um indicador, mesmo não tendo para quem vender, como, por exemplo, em um período complicado, como o atual, de rescaldo de crise internacional.

Eficiente, o agronegócio gera emprego e renda, produz comida segura e barata, exporta para mais de 150 países, garantindo bilhões de dólares em reservas cambiais, num processo contínuo de transferência de benefícios socioeconômicos a toda sociedade brasileira. É este resultado para o País que o governo quer dilapidar? ■

Opinião

Alimentos funcionais



João Sampaio*

O HOMEM precisa saber como comer. Esta parece ser a ordem mundial do consumo. Cada vez mais, as exigências da sociedade moderna cobram mais conhecimento e tecnologia sobre o que comemos e como podemos fazê-lo da maneira mais saudável e eficiente. Nesse ponto, a engenharia de alimentos e o agronegócio interagem. Uma para produzir conforme as demandas da sociedade, a outra para, conjuntamente com a primeira, buscar as soluções mais adequadas.

Comprovadamente, a tecnologia alimentar e a melhoria na nutrição foram fatores fundamentais para o aumento da expectativa de vida nos últimos 200 anos, demonstrando que o impacto da dieta na saúde vai muito além da nutrição básica. Agora, vivemos o crescimento dos alimentos funcionais, depois da onda dos alimentos *diet/light*.

Os alimentos funcionais são aqueles que produzem efeitos metabólicos ou fisiológicos por meio da atuação de um nutriente ou não nutriente no crescimento, desenvolvimento, manutenção e em outras funções normais do organismo humano, de acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). A venda desses produtos tem crescido 20% anualmente, com a semente de linhaça liderando o *ranking* dos mais procurados.

Mas o que tem a ver o agronegócio com os alimentos funcionais? A dificuldade do setor em associar a combinação dos desejos dos consumidores com avanços da tecnologia na área alimentar e a produção no campo é a causa de certo espanto. No entanto, a atividade agrícola sempre esteve ligada à forma pela qual nos alimentamos e, hoje, está ligada a um estilo de vida, a uma dieta saudável e à potencial redução de doenças e, novamente, ao aumento da expectativa de vida.

A conexão da indústria alimentícia e a atividade agrícola passam pela intensificação de pesquisa e desenvolvimento (P&D). Um bom exemplo é a utilização da banana verde, cuja farinha possui propriedades no combate ao colesterol ruim e ao diabetes. Já em produção no Vale do Ribeira, a farinha é utilizada para fabricação de doces, pães e sorvetes. O próximo passo será transformá-la, por meio da tecnologia de alimentos, em farinha solúvel, para ser acrescentada em leite, sucos e no prato básico das pessoas. Estão sendo produzidas novidades como o óleo de soja não hidrogenado, livre de gordura trans, e novos adoçantes, derivados de frutas cítricas.

Novas variedades agrônômicas também são testadas. Entre os alimentos funcionais mais investigados destacam-se a soja, o tomate, os peixes e óleos de peixe e linhaça, o alho e a cebola, as frutas cítricas e cereais como a aveia.

Hoje, os principais mercados para alimentos funcionais são o Japão, os Estados Unidos e a Europa. Estima-se que movimentem quase US\$ 60 bilhões. Com o crescimento econômico e a entrada de novos consumidores em países populosos como a China, a Índia e o Brasil, a tendência é de crescimento na procura por uma alimentação saudável e aí se apresenta uma grande oportunidade para o agronegócio e a indústria de alimentos. ■

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo